

DA CAVALARIA À CAVALARIA CRISTÃ NA IDADE MÉDIA: Trajetória ou Transmutação?

Thiago R. GARCIA¹

RESUMO

Muitos conceitos historiográficos da Idade Média vêm sendo repensados neste século a fim de se compreender a vida social e política desse período. Cada vez mais, as pesquisas contribuem para afastar de vez a imagem solidificada de “Idade das Trevas” e, assim, colaborar para o aprimoramento do ensino de História. Uma das questões medievais mais intrigantes é a Cavalaria. Suas representações historiográficas variam pelo longo período da Idade Média (século V - XIV). É designada de guerreiros a cavalo; classe dominante detentora do poder político e social; e o mais espantoso: é tradicionalmente referida como cavaleiros cristãos que, nas Cruzadas, combateram pela fé e a religião. Através deste estudo, procuramos responder à seguinte pergunta: houve cristianização da Cavalaria? Sustentamos, com base, principalmente, na obra de Dominique Barthélemy, que a resposta é negativa. A sua participação nas Cruzadas não passou de uma trajetória natural, fruto de mudanças culturais e sociais e movidas pelo desejo de expansão.

Palavras Chaves: Cavalaria; Idade Média; Cristianização da Cavalaria.

1. INTRODUÇÃO

Muitos conceitos historiográficos da Idade Média (século V - XV) vêm sendo repensados neste século. A Cavalaria está inserida em um grande amálgama da Idade Média, onde as relações de poder, religião e cultura são traços essenciais e que reportam, constantemente, novas análises, colaborando para demover a alcunha de “Idade das Trevas” fortemente inserida nas impressões sobre o medievo.

Não bastasse isso, a Cavalaria é pouco explorada nos livros didáticos. Muitas vezes, é citada apenas como nobres guerreiros do sistema feudal (Vicentino, 2008). Essa visão arbitrária inibe, inclusive, uma melhor compreensão sobre as Cruzadas, um dos mais importantes eventos da Idade Média.

Ao longo do período medieval, a Cavalaria teve diferentes faces e esteve indelevelmente presente no sistema de relações de poder que conduziu os rumos político-sociais do período. É intrigante sua atuação nas Cruzadas quando, por volta do

¹Aluno do Mestrado em História da Península Ibérica da UNIFAL; E-mail: thiagorvgarcia@yahoo.com.br

século XI, era classe que, ao lado do senhorio, compunha o status dominante; era o *miles* (soldado) responsável pela lei e pela ordem (Barthélemy, 2010).

O objetivo deste trabalho é compreender melhor a Cavalaria, principalmente se houve uma transmutação em cavaleiros cristianizados e a serviço da Igreja. Autores, como Demuger (2002) e Paula Pinto Costa (2006), citam que, na fase “cavaleiresca” do ano 1.000, muitos soldados se tornaram cristãos e combateram nas Cruzadas em nome da religião. Mas foi a religião que levou os cavaleiros às Cruzadas? Ocorreu uma transmutação dos soldados em *milites christies*?

2. MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa de diferentes teses sobre o papel da Cavalaria e aspectos gerais da Idade Média, tendo como principal referência a obra de Dominique Barthélemy. Foi feita uma comparação entre teorias que colocam a Cavalaria numa posição passiva, obediente à Igreja, e autores, como Barthélemy, que revelam uma Cavalaria dona de seus próprios objetivos.

3. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Com a queda do Império Romano e parte de sua infraestrutura, o guerreiro a cavalo passou a ter um papel de destaque nas disputas territoriais entre as tribos germânicas. Na Idade Média, esse foi o primeiro perfil do cavaleiro medieval, passando a ser um importante trunfo nas batalhas.

Por volta do século IX, os cavaleiros eram vassalos militares dos senhores (*milites*) e, ao mesmo tempo em que protegiam as terras do senhorio, eram úteis aqueles reis que detinham reais poderes, uma vez que, em muitas regiões da Europa, a autoridade estava nas mãos de Condes e Duques (Barthélemy, 2010).

O cavaleiro, portanto, se movia por meio da terra e oscilava entre a vassalagem e o senhorio, tendo, em algumas regiões, seus próprios servos, sendo ainda que o título de cavaleiro era de nobre, muito em razão de que os apetrechos (armaduras e armas) e o próprio cavalo eram muito caros.

Segundo Alain Demuger (2002), pertencendo ao poder dominante, os cavaleiros passaram a exercer livremente a autoridade militar, o que provocou um aumento da violência, principalmente, contra mulheres e camponeses. Isto gerou uma grande

desordem social que, de acordo com o autor, suscitou o movimento da paz de Deus com o propósito de frear as ações cavaleirescas e de torná-los cristãos.

Entretanto, segundo Barthélemy (2010), por volta de 1060 acontece o contrário. Há uma “mutação cavaleiresca”, no sentido de uma diminuição do poder da Cavalaria, em razão do crescimento do poder dos príncipes sobre os cavaleiros. E, já antes disso, os documentos mostram uma aristocracia vocacionada a compromissos, que formatou, segundo palavras do próprio autor, uma “anarquia ordenada”, mantida pelos acordos entre principados e províncias.

Essa “violência” foi uma criação do imaginário historiográfico do século XIX. A total desordem, que justificaria um movimento religioso pela paz, não passou de um exagero interpretativo. Não houve a cristianização da Cavalaria porque não houve a necessidade do abrandamento dos cavaleiros, que é colocada como um pressuposto dessa transformação da Cavalaria (Barthélemy, 2010).

Também, o movimento chamado de Reforma Gregoriana, que culminou nas Cruzadas (expedições militares e populares à Jerusalém), não teve o condão de converter cavaleiros ao cristianismo, ao contrário do que dizem Alain Demurger (2002) e Paula Pinto Costa (2006), para quem os cavaleiros foram convertidos, tornando-se soldados de Cristo (*miles christie*), verdadeiros instrumentos da Igreja e do papado.

Segundo Rusty (2009), a Reforma Gregoriana traduziu a vontade de movimentos reformadores anteriores a 1085 (auge da reforma - papado de Gregório VII), começando bem antes, em 1046. Não foi manifestação do poder da Igreja, mas de um conjunto de situações da sociedade, respondendo a várias necessidades latentes de um período de transformação social.

No mesmo sentido, Flori (2003) afirma que as Cruzadas foram mais uma ação da Igreja (sociedade), assim como a reconquista, para a expansão da cristandade. Nelas, os interesses sociais e temporais se misturavam estreitamente. Não havia uma “teoria da guerra justa”, como se apregoa. A expansão territorial e religiosa do Ocidente foi um reflexo social.

Houve, por parte do clero, uma atuação, no sentido de procurar persuadir os cavaleiros. Através das pregações e dos rituais, como da bênção de armas, se pretendeu

embuti-los de espiritualidade, a fim de que trabalhassem pelas ideias eclesiásticas. Contudo, isto, nem de longe, operou a transmutação da Cavalaria, que continuou feudal.

4. CONCLUSÕES

A violência cavaleiresca e o poder da Igreja sobre a Cavalaria não são compreensíveis à luz de uma visão mais precisa e abrangente da Idade Média. Segundo Barthélemy (2010), a Cavalaria não se tornou cristã; a sociedade ocidental, incluindo a aristocracia, viu nas Cruzadas uma forma de avanço cultural e social. A expressão “cavaleiro cristão” é, ao mesmo tempo, exagerada e contraditória. Pode traduzir uma tendência de glorificar o cavaleiro guerreiro e exaltar a supremacia da Igreja.

Os cavaleiros acreditaram na redenção de seus pecados e na campanha cruzadista como um emblema de honra, mas não como justiceiros cristãos ou reformadores sociais, apenas como manifestação de valentia individual, própria da formação cavaleiresca.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Néry de Barros. **A Idade Média entre o “poder público” e a “centralização política” itinerários de uma construção historiográfica.** Revista Varia História, pg. 49-70. UFMG, 2010.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A Cavalaria - Da Germânia antiga à França do século XII.** Campinas-SP: Editora Unicamp, 2010.

COSTA, Paula Pinto. **Ordens Militares e Fronteiras: um Desempenho Militar, Jurisdicional e Político em Tempos Medievais.** Revista da Faculdade de Letras de Porto. 2006.

DEMUGER, Alain. **Os Cavaleiros de Cristo: as ordens militares da Idade Média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Claudio. **História para o Ensino Médio.** São Paulo: editora Atual, 2008.

FLORI, Jean. Guerra Santa – **Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente Cristão.** Campinas: Editora Unicamp, 2013.

RUST, Leandro; SILVA, Andreia. **A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito.** Artigo. 2009.